

A DUALIDADE ALEGÓRICA DA CATÁSTROFE EM *O QUASE FIM DO MUNDO*, DO ESCRITOR ANGOLANO PEPETELA

MIRANDA, M. Geralda;

FRIEDE, Reis.,

AVELAR, Katia

(Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o romance *O quase fim do mundo*, do escritor angolano Pepetela. Obra impactante que relata a situação vivenciada por um pequeno grupo de sobreviventes de uma catástrofe mundial, provocada pelo lançamento de raios de uma arma de destruição em massa, criada por fanáticos da intolerância. O estudo parte do conceito de alegoria, do modo como Walter Benjamin a concebe, para, em seguida, situar as representações dos personagens, do tempo e do espaço, na estrutura romanesca. A feição simbólica da catástrofe será debatida, a partir de uma visão dual, tendo em vista que toda ruína engendra um novo começo. Os sobreviventes tiveram que primeiro tentar entender os sentidos do desastre para, depois, começarem a reestruturar suas vidas em outras bases. A relação dos personagens-sobreviventes com os bens de consumo: dinheiro, jóias, roupas, carros, aviões, mereceu também a nossa atenção, porque os “valores de uso e de troca” de produtos são totalmente alterados.

PALAVRAS-CHAVE: Pepetela, alegoria, catástrofe, dualidade, recomeço

ABSTRACT

The present work aims to study the book “O quase fim do mundo”, written by Pepetela. This impactful work relates the living conditions of a small group of survivors of a global catastrophe, caused by the deployment of a mass destruction weapon, created by fundamentalists. The study starts

from the concept of allegory, in the way as Walter Benjamin conceives it; then, it situates the characters in time and space. The symbolic feature of the catastrophe will be debated from a dualistic view, having in mind that a collapse always allows a new beginning. First, the survivors had to understand the range of the disaster; next, they started to restructure their lives according to new patterns. The relation of the characters with the consumer goods, such as money, jewels, clothes, cars, airplanes, also received our attention, because the “values of use and exchange” of the products are totally altered.

KEYWORDS: Pepetela, allegory, catastrophe, dualism, resumption

Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. (BENJAMIN, 1985, p. 196)

A “pobreza da experiência” é uma “pobreza de alma”, pois a técnica produz tão somente revolta de escravo da técnica, pois são escravos aqueles que da linguagem só entendem ordens dadas e não o exercício do pensamento que ela faculta. (MATOS, Olgária, 2010, p. 204)

Como diria o narrador do romance *Partes de África*, (MACEDO, 1999, p.11), Pepetela é “poeta, mas em anos de prosa”. Questões sociais e políticas centrais de nosso tempo: a intolerância, a guerra, a exclusão social, a destruição do planeta, ao receberem o ordenamento estético-discursivo dado pelo escritor, criam novas correlações e novas significações. Com isso, o autor consegue arrancar as coisas de suas correlações habituais, sobretudo aquelas relações propostas pelos meios de comunicação de massa, que em nome da “liberdade” de expressão impõe, ou deseja impor, um único ponto de vista sobre as coisas e sobre as ideias.

Observa Lucia Helena (2003, p. 13) que no universo da globalização e da saudação aos estudos das diferenças, das minorias, do apogeu da homenagem ao excluído, “nunca se excluiu tantos, e tão rapidamente, diante de nossos olhos de retinas mais do que fatigadas desse espetáculo voraz e contundente. A mídia e a informática estão aí, para encurtar distâncias, e nunca estivemos tão próximos da indiferença”.

A indiferença de nosso tempo é flagrante. A violência é banalizada, a mídia faz dela espetáculo. A denúncia, pura e simplesmente, não leva a uma nova ordenação dos significados, não tira as coisas, ou os discursos de suas correlações habituais, orgânicas. A modernidade tardia, ou

a pós-modernidade, se assim preferirmos, só fez agravar as preocupações já lançada por Walter Benjamin, em seu tempo, para quem, consoante as palavras de Lucia Helena (2003, p. 14), “é crucial, quer trate da modernidade, quer trate do século XVII, elucidar as ligações essenciais entre a escrita e a consciência do tempo”.

O escritor angolano, em *O quase fim do mundo*, revela que sua escrita “não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (AGAMBEN, 2009, p. 63-4). O mundo alegorizado por ele no romance possui uma dupla face: mundo desenvolvido, que fecha as portas aos imigrantes, e mundo pós-colonial, com dificuldades econômicas objetivas de se reerguer. Mundo que exporta tecnologia e mundo que é palco de mão de obra barata e não raro, ainda hoje, se nutre da escravidão humana. Pepetela cria uma Calpe fictícia, pós-colonial, para situar espacialmente a cidade africana, ao redor da qual, se organizará a vida no planeta Terra, pois foi em seu entorno, ou em sua “faixa”, que restaram os sobreviventes da arma letal, o “Feixe Alfa Gama”, disparada da Europa, por fanáticos da intolerância.

Benjamin define alegoria em contraposição a símbolo, contrariando muitos antecedentes e contemporâneos, na medida em que vê esse último “numa relação de fenômeno e aparência”, que se coaduna com a tradicional concepção estético-teológica da beleza. Diz Benjamin que a alegoria não representa as coisas tal como elas são, mas, antes, pretende dar uma versão de como foram ou podem ser. Para ele, a alegoria se localiza “entre as ideias como as ruínas estão entre as coisas”. (BENJAMIN, 1984, p. 56)

A alegoria assume nos escritos de Benjamin, de acordo com Tezera de Castro Callado (2004, p. 134), uma pluralidade de significações. Reproduz não apenas aquele mundo eruptivo da tragédia, voltado para o plano individual, mas o mundo coletivo, que diz respeito ao destino de todas as criaturas. Daí ser a ambigüidade e a diversidade de significação marcas essenciais dessa estética.

É de Calpe que os sobreviventes partem, com o intuito de descobrir o acontecido, e é para Calpe que eles voltam quando descobrem. Pepetela vai ordenando os discursos sobre o caos moderno (sobretudo os discursos da exclusão e da intolerância), os apresentados alegoricamente em forma de catástrofe. O disparo do “Feixe Alfa Gama”, arma de destruição em massa, visava destruir a humanidade, com exceção do próprio grupo de fanáticos, dez mil brancos puros, reunidos em uma fortaleza na Alemanha. Tais fanáticos eram dirigidos por um grupo político e religioso de nome *Pak-To*, entre os quais se encontravam os engenheiros que a inventaram.

O Feixe Alfa Gama, como é explicado no “manifesto”, encontrado na Alemanha, a partir de pistas deixadas no Vaticano e na Torre Eiffel, por um dos engenheiros, “não são bombas no sentido convencional do termo, não provocam explosões, lançam radiações, que limpam à sua volta todo o território”. (PEPETELA, 2008, p. 343)

Os três engenheiros inventores e fabricantes da bomba construíram-na de modo que os seus raios não atingissem superfícies de amianto. A fortaleza foi forrada com chapas desse material, para que no momento da explosão, os dez mil escolhidos (havia também na fortaleza casais de variadas espécie animais, como uma arca de Noé) não sofressem a ação de seus raios. Há nessa parte da obra, que é a transcrição do “manifesto”, uma construção irônica apurada. Uma pequena falha no planejamento de lançamento do artefato deixou uma faixa de terra na África sem receber radiação, o que permitiu que pessoas e outros seres vivos que estavam nessa faixa, nas proximidades de Calpe, sobrevivessem.

Ironia também no fato do amianto não proteger o grupo de brancos no momento de lançamento de todas as bombas, fazendo desaparecer os intolerantes fanáticos, restando, com exceção do sul africano e da americana, que são brancos, apenas negros. Há no “manifesto” uma discussão também irônica sobre a sofisticação das armas limpas, como o “Feixe Alfa Gama”, que acabam com “a humanidade e com as formas de vida no planeta, sem causar destruição”. Curiosamente, ou alegoricamente, tal arma destrói (ou faz volatilizar) apenas seres vivos (humanos, bichos, insetos), deixando as coisas materiais intactas. Até mesmo roupas, calçados, acessórios e jóias ficaram nos lugares em que as pessoas estavam, no momento em que volatilizaram.

Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “tanto nos atos da vida real, como nos sonhos, a catástrofe é o símbolo de uma mutação violenta, sofrida involuntariamente ou desejada. Pelo seu aspecto negativo (...) é a destruição, a perda, a separação, a ruptura, o fracasso que aparece com maior evidência.” (1990, p. 200). Eles alertam, no entanto, que o clarão da catástrofe esconde um aspecto positivo, que é o mais importante, o de uma vida nova e diferente, de uma ressurreição e de mudanças sociais desejadas. Afirmam que a catástrofe engendra o seu contrário, revela o desejo de outra ordem. O domínio onde se pode produzir a catástrofe e a renovação.

Vemos que a arquitetura romanesca de Pepetela, do modo como a lemos, isto é, como uma narrativa alegórica, primeiramente, ela produz um estarcimento no leitor, que, como os personagens sobreviventes, não sabem as causas do desaparecimento das pessoas. Como os sobreviventes, ele, o leitor, reúne dados, analisa e dimensiona informações na tentativa de encontrar a causa. Na escuridão das respostas, os sobreviventes, e também os leitores, conseguem perceber que *o modus vivendi* daquela sociedade “desaparecida” deve ser questionado. O “clarão da catástrofe”, minimamente, pode significar para o grupo pausa para a “contemplação”, já que nas sociedades “automatizadas” e da “mercadoria” não há tempo para a “recordação”, ou para a reflexão política.

Foi a alienação moderna, advinda da “pobreza da experiência”, que levou Walter Benjamin a teorizar sobre a experiência do choque. No mundo moderno, do “fetiche da mercadoria”, todas as energias psíquicas

do indivíduo têm que se concentrar na consciência imediata, para interceptar os choques da vida cotidiana, o que envolve o empobrecimento de outras instâncias, como a memória, (ROUANET, 1993, p. 64). Com isso, o herói moderno se transforma em vítima da amnésia, na medida em que perde todo o contato com a tradição. No mundo dito globalizado, a “pobreza da experiência” é ainda mais evidente.

Os sobreviventes vão se encontrando, cada um surge de um ponto. Quando se veem sozinhos na cidade, a primeira medida (de quase todos) é entrar em um banco e encher um saco de dinheiro e, em seguida, conseguir uma arma para se defender. O “alarme” acontece quando eles percebem que o dinheiro não resolveria os seus problemas, como obtenção de comida, pois era apenas símbolo do valor nas relações de troca. Usá-lo com quem ou para que, se para o essencial – aquisição de comida - ele não serviria.

A composição do grupo e suas origens territoriais são também significativas para a representação alegórica de *Pepetela*. Um médico, uma dona de casa e religiosa fanática, um ladrão e uma adolescente da cidade de Calpe; um pescador e um menino, de regiões rurais um pouco afastadas de Calpe; um pastor do kilimanjaro; uma historiadora somali; um feiticeiro etíope, um segurança de mina de diamante, branco, da África do Sul, uma pesquisadora norte-americana, branca, que estava na África estudando o comportamento sexual dos gorilas. Um louco não identificado, que perambulava pelas ruas de Calpe e alguns aldeões, localizados por último, vivendo próximos à mata. Com exceção do louco e dos poucos aldeões, todos os outros se encontraram em Calpe e resolveram ocupar as casas próximas à que residia o médico, Simba Ukolo.

A busca de socialização humana fez com que os membros do grupo se aproximassem e trocassem experiências. A curiosidade científica do médico foi fundamental para verificação da ausência de vida, após análise de amostras de água e de terra, o que também iluminou sobremaneira a dimensão da catástrofe para o grupo. A presença do feiticeiro é também essencial, no plano interpretativo da alegoria de *Pepetela*, a demonstrar que o saber ancestral africano no que se refere ao conhecimento medicinal deveria também ser passado para gerações futuras, lido então como conhecimento válido, que o grupo, certamente, ia precisar.

A figura do ladrão é exemplar para mostrar que o mesmo sistema que faz da mercadoria “entidade mágica”, capaz de produzir o fetiche humano, esse mesmo sistema fabrica o ladrão, que para ter acesso a ela, à mercadoria, desobedece às normas que regulamentam a propriedade das coisas e torna-se proscrito da sociedade. Assim aconteceu com Joseph Kiboro, ladrão que também escapou do “Feixe Alfa Gama”. Perdeu completamente a sua função de ladrão, primeiramente ao se deparar com a “farra da mercadoria” à sua disposição e, depois, pela ausência de instituições e instrumentos de coerção.

O conhecimento técnico aeronáutico de Jean Dippenaar, o sul africano, permitiu ao grupo conhecimentos de aviação e a possibilidade de viajar para comprovar as dimensões da catástrofe em território europeu. Jude, a adolescente, e Julius, o pastor do Kilimanjaro, aprenderam a pilotar para partirem em viagem para o velho mundo. Isis, a Somali, buscava associar o fenômeno acontecido a uma compreensão mais ampla da história da humanidade. Daí a sua importância na interpretação dos dados históricos para o grupo.

A rota traçada pelos sobreviventes é também muito significativa, pois eles percorrem um longo caminho, diferente daquele percorrido pelos colonizadores na época das colonizações. Vão a oriente, passam por Nairóbi, em direção ao Egito. Orientados por Isis, decidem visitar o “Vale dos Reis”, “onde estão os túmulos dessa época fabulosa, em que um Estado africano era o mais poderoso e avançado do mundo” (PEPETELA, 2008, p. 302), e seguem o “leito do Nilo” em direção a Luxor, a antiga Tebas, e Karnak, podendo verificar, sem concorrência de turistas, a grandeza dos monumentos daquelas civilizações antigas, localizadas na África. Só depois de passarem pelo Egito é que chegam a Roma, em seguida Paris e Alemanha.

A passagem por Paris e mesmo por Roma releva muito bem a “pujança da mercadoria”, as avenidas apinhadas de carro (as pessoas se volatizaram, mas os carros permaneceram nas ruas), acentuando o caos. Os sobreviventes puderam ver e ter acesso ao que nunca tiveram: carros de luxo, aviões, hotéis luxuosos, perfumes, jóias, casacos de pele, mas, ao mesmo tempo, puderam ver que o tempo já começava a oxidar tudo. Grande parte da cidade já estava sem luz. A comida dos restaurantes vencida. Jean Dippenaar deixa um saco cheio de diamantes em cima da mesa de um bar. Aquilo não serviria de nada para eles.

Alterados também estavam os valores de uso e os valores de troca de mercadorias para o grupo de sobreviventes. Como valores de uso, as mercadorias são de diferentes utilidades. Um valor de uso tem de satisfazer algumas necessidades humanas específicas. Se a pessoa tem fome, um livro não poderá satisfazê-la, nem diamantes. Em contraste, “o valor de troca de uma mercadoria é simplesmente o montante pelo qual será trocado por outras mercadorias. Os valores de troca refletem mais que as mercadorias têm em comum entre si, do que suas qualidades específicas”. (CALLINICOS, 2004)

Ora, o grupo de sobreviventes ia compreendendo a dimensão da catástrofe, no mesmo compasso em que ia compreendendo o valor de uso das coisas no mundo que quase chegou ao fim. Outros valores de troca passariam a ser estabelecidos. O “fetichismo” do dinheiro é destruído diante deles. Até quando duraria a comida estocada em Calpe, ou em Paris, já que Isis e Joseph Kiboro, o ladrão, resolveram lá ficar. A vida na terra começaria um novo ciclo. As cidades do planeta, seus palácios e monumentos, testemunhas da época do império da técnica virariam ruína, monumentos da história.

Benjamin vê a escrita alegórica como forma de representação da história destrocada e arruinada, em decorrência da experiência de crise e de ruptura com a tradição e com os fundamentos anteriores. Sob o signo da catástrofe, tal como acontecia no barroco, também a experiência do homem moderno se revela alegórica, como “experiência vivida”. É por isso que ele vê a alegoria também como expressão da melancolia.

Tal reflexão não deseja corroborar com uma visão pessimista de leitura do romance de Pepetela, pois entendemos que somente um escritor otimista e preocupado com os destinos da humanidade criaria uma história tão impactante como *O quase fim do mundo*. Trágica, mortuária e lutuosa é a sociedade da mercadoria, que gera intolerância e exclusão social, que destrói o planeta, mata, oprime e fetichiza, tudo em nome da acumulação. O texto do escritor angolano só estampa de maneira alegórica as contradições dessa sociedade que, empobrecida em sua “experiência”, advinda da quebra de laços com a tradição, chega à barbárie da técnica, ao ponto de uma arma letal, considerada “limpa”, fazer volatizar os seres vivos do planeta. A faixa da África não atingida pelo “Feixe Alfa Gama” foi por puro erro de cálculo. Ironicamente, os intolerantes optaram por “economizar” disparos de radiação porque para a África tudo deveria ser regrado, por ser território de “povos inferiores”.

Nem o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, lido também como pessimista em alguns estudos acadêmicos, deve assim ser considerado, pois a cegueira branca que acomete os habitantes da cidade romanésca e os impede de ver e, portanto, de manter as “engrenagens” da urbe em funcionamento, também leva à desestruturação do *modus vivendi* anterior. Eles permanecem vivos, mas cegos. Paradoxalmente, é na condição de cegos que veem. Veem a intolerância e a indiferença humanas e também a violência, quando já estavam nas camaratas. Tal como acontece em *O quase fim do mundo*, a reflexão e/ou contemplação só acontece diante da consumação da catástrofe. No romance de Saramago apenas uma personagem, a mulher do médico, pode ver a dimensão do acontecimento trágico, já que é uma espécie de guia anônimo do grupo que, sem saber que ela enxergava, a segue perambulando pela cidade destrocada. Em Pepetela, a cegueira dos “intolerantes” quase acaba com os seres vivos do planeta, o que permite aos sobreviventes recomeçarem a vida na Terra em outras bases. Já os cegos de Saramago voltam a ver, podem perceber a ruína e os destroços provocados pela “cegueira moderna”.

Em ambas as histórias, há o alerta da necessidade paradigmática da conscientização humana como forma de salvar o planeta da destruição. Ambas levam à reflexão acerca do caos provocado pela sociedade da mercadoria e, obviamente, da “técnica” (estágio avançado da ciência). É um olhar sobre a história humana a partir de ângulos alegóricos. Visão fragmentada e arruinada que se repete. O que se procura, na verdade, é salvar as coisas, reunir visões dispersas, mobilizando-as contra a exclusão e a intolerância, trazidas ao texto como experiência trágica. Nesse sentido,

a história de Pepetela é também um alerta, um canto, um manifesto contra um dos “subprodutos” da “sociedade da acumulação”, que, sem nenhum limite ou controle popular, se vê como escolhida a eliminar os demais. Esse “subproduto” é chamado intolerância.

A experiência trágica de *O quase fim do mundo* aponta, também com efeito, para um novo começo, ou para um recomeço, já que essa humanidade que quase se extinguiu por causa dos raios do “Feixe Alfa Gama” teria surgido na África, nas proximidades de Calpe. É de lá que o homem, há milhares de anos, teria partido em direção à Europa. É assim também que acontece na história de Pepetela. O grupo de sobreviventes vai até a Europa e lá deixa um casal, Isis e Joseph Kiboro, uma historiadora e um ladrão, ou um “um adão e uma Eva” para recomeçarem a vida no “antigo velho mundo”, simbolizado por Paris, já que o casal de africanos decide ficar na “cidade da luz”.

Interessante também é o fato de Isis estar grávida do feiticeiro Riek, seu primeiro par, que permaneceu em Calpe, junto com o pescador e a dona de casa, enquanto os outros partiram para a Europa. O primeiro ser humano a nascer na Europa, após a catástrofe, será filho do personagem que possui maior ligação com as forças vivas da natureza. Riek tratava, antes da catástrofe, com plantas e com rezas, a infertilidade feminina.

Há nessa questão da ida à Europa também algo que liga à idéia do eterno retorno. Do mesmo modo que os europeus colonizaram a África, os africanos povoariam novamente a Europa, como fizera num passado longínquo, numa espécie de ciclo. O evento que quase põe fim à humanidade deve ser lido na chave ambígua do fim e do recomeço, da exclusão e da fraternidade, da escuridão e da luz. A técnica não é xenófoba, mas os que a usam com a finalidade da intolerância. Esta, o pior dos males de nosso tempo e que é, tragicamente, alegorizada no romance de Pepetela, cuja escrita representa muito bem o nosso tempo, pois, consoante as palavras de Giorgio Agamben, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Origem do drama Barroco Alemão*. São Paulo Brasiliense, 1984.

_____. *Obras Escolhidas III*. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Passagens*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2009, p. 1126.

CALLADO, Tereza de Castro. “O drama da alegoria no século XVII Barroco”. In *Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico da UECE*. Fortaleza, v. 1, 2004, pp. 133-165.

CALLINICOS, Alex. “Introdução ao Capital de Karl Marx”. *Revista Espaço acadêmico*, no. 38, julho de 2004. Disponível também no site: <http://www.espacoacademico.com.br/038/38tc_callinicos.htm>. Acesso em 07-10-2010.

CHEVALIEE, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

HELENA, Lucia. “Um sultão no reino das coisas”. In *Alea*. Estudos Neolatinos. UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

MACEDO, Helder. *Partes de África*. São Paulo: Record, 1999.

OLGÁRIA MATOS, Olgária Chain Féres. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2010

PEPETELA. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

Recebido para publicação em 25/11/14

Aprovado em 12/02/15